



Leste Europeu: A Cortina Rasgada*

Terezinha de Castro

Apresentando aspectos geopolíticos e geoestatístico de países até a pouco incluídos entre os chamados "satélites de Moscou", o artigo mostra a realidade do Leste Europeu surgida dos escombros da "Cortina de Ferro"

"Sem o fundamento geográfico, a História pouco se diferencia dos contos de fada"

Emmanuel Kant (1724-1804)

A URSS começaria a se desintegrar na periferia mais avançada da "Cortina de Ferro" — termo criado pelo estadista inglês Winston Churchill para caracterizar a área-escudo de conotação geopolítica e geoestratégica do vasto império comandado por Moscou. Essa fronteira foi, durante quase meio século, a **marca protetora do espaço soviético, desde o Báltico até o Mar Negro**, dentro do enfoque militar-ideológico. Região caracterizada como **isóbara política** que fixou "durante certo tempo, o equilíbrio entre duas pressões: o equilíbrio das massas e o equilíbrio das forças".¹ (Mapa 1).

É que, após a Segunda Guerra Mundial, as duas superpotências, no confronto do eixo Leste/Oeste, requeriam muito mais do que uma simples fronteira, mas sim autênticas marcas medievais, formando

extensas faixas protetoras, "profundos glaciais de segurança afastando o núcleo geohistórico e o ecúmeno estatal da ameaça das incursões aéreas e das possíveis e rápidas invasões dos tanques inimigos".²

Em se tratando da URSS, para a defensiva de seu poder terrestre, além da "Cortina de Ferro", foi incluída, em sua **área-escudo**, quer por Tratados ou mesmo ocupação direta, cerca de 495.000 km² do continente europeu (pouco menor que o nosso Estado da Bahia), onde vivia uma população de 24 milhões de pessoas. Essa isóbara política incluiu territórios: desde Petsamo, o único porto da Finlândia no Báltico, à Prússia Oriental, onde Königsberg passava a se chamar Kaliningrado e, deslocando sua fronteira para cerca de 250 km de Varsóvia, Bucarest e Budapeste, atingia o Mar Negro em sua parte ocidental, integrando a Bulgária e a România na "Cortina de Ferro".

* Selecionado pelo PADECEME

1. *Géopolitique* — Jaques Ancel — Librairie Delagrave-Paris, 1936.

2. *Geografia Universal — Generalidades (Europa)* — Tomo I — Instituto Gallach de Libreria y Ediciones — Barcelona, 1952. —



Mapa 1

retirando, porém, a Bukovina e a Bessarábia desta última. (Mapa 2).

Finda a "Guerra Fria", impunha-se o movimento desagregador nessa área hoje denominada de Leste Europeu, conhecido como o "Outono do Povo" ou "Outono do Descontentamento", caracterizado por movimentos políticos que, derrubando governos comunistas, transformaram o conjunto numa autêntica "Cortina Rasgada".

Desse complexo faz parte a Polônia,³ cujo nome "Polska", significa país das planícies (211.730 km²), e que é menor que o nosso Estado do Maranhão. Inserida numa zona de passagem entre a Europa Perifé-

rica e a Rússia Continental, transformou-se num "país aberto" de área geopoliticamente imatura. Instalada no âmbito geográfico onde se justapõem duas zonas — as Europas Ocidental e Oriental, iria sofrer o fenômeno das fronteiras críticas no geoestratégico eixo entre os mundos germânico e eslavo.⁴ Zona de passagem, sofreria as conseqüências da instabilidade étnica e, mesmo depois das invasões terem cessado na Europa Ocidental, continuou submetida às incursões do leste e oeste.

Sua instabilidade como Estado de direito através dos séculos prendeu-se à condição de "país aberto", cujas fronteiras jamais formaram obstáculos, e sim elos de comunicação. Se suas planícies serviram como elemento de ligação entre o leste e o oeste, os Carpatos, a despeito de complexo montanhoso, jamais constituíram obstáculo, já que seus passos de Dukla, Luknov e Jablonkow levavam para o sul, via Bacia do Danúbio.⁵ Conseqüentemente, o núcleo geohistórico da Grande Polônia como ímpeto propulsor da cultura eslava evoluiria, como nacionalidade, além-fronteiras nacionais.

Na Polônia, pois, onde, sob o ponto de vista fisiopolítico, não se impuseram estruturas estáveis e perduráveis, defrontaram-se, através dos tempos, as forças internas e externas. As forças externas representadas, inicialmente, pelas grandes potências (Prússia, Áustria e Rússia) que acabaram, após três partilhas sucessivas, por fazê-la desaparecer do mapa por algum tempo, juntando-se às forças internas, que ora tendem para o germanofilismo, ora para o eslavofilismo.

3. *Histoire de la Pologne* — Ambroise Jobert — Presses Universitaires de France — Paris, 1953.

4. *Le Monde Slave* — Albert Mousset — Société D'Éditions Françaises et Internationales - Paris, 1946.

5. *Les Nouveaux Destins du Danube* — Ou va L'Europe? - Graham Hutton — Payot — Paris, 1939.



Mapa 2

"País aberto", que em setembro de 1939 era invadido no leste e oeste. Nele os alemães e russos acordaram numa partilha por pacto secreto de 21 de agosto de 1938, e nele também divergiram enfrentando-se a partir de 1941. Terminada a guerra, a Polónia, na "Cortina de Ferro", era incorporada na esfera de defesa russa, da qual se libertaria em 1980.

País de fronteiras artificiais, sua situação atual é bem delicada, tanto no leste (onde tem territórios ainda dentro da CEI), quanto no oeste, onde conta com descendentes de alemães na **crítica linha do Orde-Neisse**, estabelecida como expediente histórico em 1945. (Mapas 2 e 3). Ressalte-se que, para poder se reunificar,

em 1991, o governo de Bonn tenha aceito ficar despojado de sua Silésia e Pomerânia. Aí, Gdansk, a Dantzig alemã é topônimo de ressonância geopolítica, no famoso "Corredor" para o Báltico, e que, por ser a chave do norte da Europa e conservar a Prússia afastada da Alemanha, manterá destino instável e perigoso.

Dentro do enfoque geopolítico o espaço territorial dos tchecos e eslovacos (127.810 km²), menor que o nosso Estado do Amapá, se localiza no âmbito **geoestratégico das "Grandes Portas" intercontinentais** da Europa. A primeira corresponde ao Vale do Morava, intercomunicando as bacias do Vístula-Danúbio, congregando toda a Europa Oriental com a Mediterrânea entre o Quadrilátero da Boémia, cujo maciço definido como cidadela do continente guarda no seu centro a cidade de Praga, até os Carpatos, cordilheira balcânica dos Alpes Dináricos. Nos Carpatos está a segunda entrada natural, o Passo de Dukla, entre a Galícia polonesa e a Eslováquia, passagem utilizada pelos eslavos e mongóis para chegarem até a Planície da Panônia, já na Hungria. Em consequência, dentro do enfoque geopolítico, a existência do país Tcheco está associada à geografia do desfiladeiro do Elba, em Spandau, demarcando a fronteira entre a Saxônia e a Boémia.⁶

Zona de passagem, como a Polónia, esse espaço da Europa Central, desde o século II ocupado por tchecos e eslovacos, nações eslavas afins, seria invadido pelos húngaros (século IX), integrando-se, em 1620, ao Império Austro-Húngaro. Isso até 1918, quando o Tratado de Versalhes cria-

6. *Histoire de la Tchécoslovaquie* — Pierre Bounoure — Presses Universitaires de France - Paris, 1968.

va, como mero expediente da História, o país que tomaria o nome de Tchecoslováquia. País no **centro geográfico da Europa**, sem saída para o mar, tem, no norte, uma elipse aberta de montanhas e, no sul, a fronteira do Danúbio e seus afluentes. Daí o transporte fluvial ser-lhe imprescindível, quer pelo Elba, para atingir o Mar do Norte, quer pelo Danúbio, para acesso ao Mar Negro.

Seu existir, dentro do contexto geoestratégico, seria representar uma "espécie de lança cravada no coração da Alemanha", segundo definição de Clemenceau e que Neville Chamberlain descrevia como o país remoto acerca do qual ele pouco sabia. No entanto, no conjunto europeu, esse país, onde predominava o elemento tcheco, incluía, na Boêmia, 3.600 alemães e, completava-lhe o mosaico étnico os eslovacos, húngaros-magiáres e rutênios. Como zona de passagem, transformava-se na "porta de saída do Império Austro-Húngaro para a Alemanha e Mar do Norte, pela rota do Elba".⁷

Observe-se que, nesse período, a formação de unidades nacionais era imposta dentro da temática de que populações com características comuns no setor lingüístico, porém sujeitas a soberanias diferentes, como no caso dos tchecos e eslovacos, teriam que conviver num mesmo Estado. Assim, para se formar a Tchecoslováquia, os tchecos invocariam a Geografia e a História, a fim de conservar fronteiras com a Áustria e Alemanha, muito embora o traçado dessas fronteiras correspondessem a um critério puramente convencional, tendendo para o conflituoso, por separar a Alemanha da Áustria, países de populações germânicas,

que, para completar o caos, eram ainda englobadas no país tcheco. Já os eslovacos destacariam o fator lingüístico para se isolarem dos húngaros e o econômico para atingir o Danúbio, onde Presburgo passava a se chamar Bratislava.

A Tchecoslováquia surgia no jogo de forças políticas, onde não se conseguia distinguir cidadania ("prislusnost"), de nacionalidade ("narodnost"), refletindo o fenômeno nas áreas circunvizinhas, visto que 100.000 tchecos ficavam dentro da Áustria e 140.000 eslovacos passariam a viver na Hungria, concluindo-se que a Diplomacia fizera e desfizera as fronteiras da Tchecoslováquia para atender à política beligerante de grupos necessitados de um **nóculo geoestratégico com ligação obrigatória Oriente/Ocidente na Depressão do Morava**, sem que se lhe descartasse o valor geohistórico, por se manter como vínculo de união entre eslavos do leste e os do sul, premiados com a formação da Iugoslávia.

Criada a Tchecoslováquia sem grandes critérios, 30% de sua população de origem alemã, sem ser tcheca, eslovaca ou rutênia, conseguia, a partir de 1930, formar o Partido dos Sudetos, sob a liderança de Konrad Henlein, que se aproximaria do Partido Nacional Socialista de Adolf Hitler. Assim, em 1938, partia-se a "lança cravada no coração da Alemanha", com a anexação dos Sudetos,⁸ por Hitler; a Polônia, por sua vez, obtinha o Ducado de Teschen na Porta da Morávia, enquanto a Hungria ocupava a parte meridional da Eslováquia.

Caberia à História, mais uma vez, programar novos expedientes, já que, em 1940,

7. *Geografia Política* — Artur Dix — Editorial Labor — Barcelona, 1929.

8. A Perda dos Sudetos privava a Tchecoslováquia de suas fortificações; a Alemanha aumentava o seu potencial armamentista através do Complexo Industrial Skoda, com sede em Pilsen.

deixava de existir a Tchecoslováquia — a Boêmia e a Morávia, transformadas em protetorados, eram integradas ao III Reich, a Rutênia passava a pertencer à Rússia, enquanto a Eslováquia, declarada independente, transformava-se em um Estado-satélite alemão.

O Cheskoslovensko ou República da Tchecoslováquia ressurgiria depois da Segunda Guerra Mundial, bem menor que a do Tratado de Versalhes — sem a Rutênia que continuava com a URSS, para dela poder fazer fronteira com a Hungria incorporada a “Cortina de Ferro”, e sem o Ducado de Teschen, mantido pela Polônia.

A aproximação entre tchecos e eslovacos foi sempre artificial. O país nasceu sempre destinado ao secessionismo, visto que “na medida que um Estado inclui diversas nacionalidades, cada qual a buscar finalidades específicas e inamônicas, terão proporcionalmente debilitadas sua força e coesão”; sobretudo se esses grupos distintos revelam “diferentes níveis de cultura material e ocupam frações do país fisicamente separadas umas das outras”.⁹

A união entre tchecos e eslovacos jamais foi completa, acentuando-se o fenômeno a partir de 1968, durante a “**Primavera de Praga**”, por terem os autores da repressão comandada por Moscou saído de Bratislava. Ressentimento acentuado, quando por ocasião da “**Carta 77**”, movimento de oposição à “doutrina Brejnev”, os tchecos não obtiveram apoio dos eslovacos. No entanto, chegava a Tchecoslováquia à “**Revolução de Veludo**” em dezembro de 1989, pondo fim, pacificamente, aos 40 anos de regime comunista. Daí ao “**Divórcio de**

Veludo” (1992) seria mais um passo. Transformava-se a Tchecoslováquia em dois países, pois 64% de tchecos não poderiam mais continuar dominando 31% dos eslovacos.

Nesse país que se desagregou, o contraste etnopolítico sempre se estendeu ao econômico. No setor tcheco, onde a agricultura é intensiva, desenvolveu-se logo a atividade industrial, atividade que só atingiu a Eslováquia quando Stalin se decidiu a nela instalar indústrias pesadas, notadamente de armas, que o fim da “Guerra Fria” iria desestruturar. Na Eslováquia, a atividade agrícola é predominantemente rural, baseando-se numa estrutura quase feudal, muito embora a instauração da “democracia popular”, de regime comunista, em 1948, tenha tentado fazer desaparecer o dualismo econômico, ao desapropriar latifúndios eslovacos, coletivizando-os.

Quer pela posição geográfica, quer pelo nível estrutural, a aproximação da Eslováquia é maior com a Hungria; já os tchecos, cuja elite sempre falou o alemão, estão mais voltados para o eixo Berlim/Viena, acompanhando, na medida do possível, o desenvolvimento industrial dos vizinhos. Assim, consumidores e produtores da cerveja em Pilsen, desde 1930 os tchecos já produziam automóveis Skoda, copiados do alemão Porsche.

Sob o ponto de vista geopolítico, a região central plana, ocupada pela Hungria¹⁰ (93.011 km²), pouco menor que o nosso Estado de Santa Catarina, envolvida pelos Alpes e o semicírculo dos Carpatos, com o

9. *Espírito e Propósito da Geografia* — S. W. Wooldridge e W. Gordon East — Zahar Editores — Rio, 1967.
10. *Histoire de l'Hongrie* - Émile Tersen - Presses Universitaires de France - Paris, 1955; *Histoire de l'Autriche* - Jacques Droz - Presses Universitaires de France - Paris, 1946

vale do Danúbio comunicando-a com o Mar Negro, dá ao território importância, por se constituir na **linha de soldadura norte-sul do continente**. O posicionamento transformou o país, **um dos principais núcleos não eslavos da Europa Central**, em zona de fronteiras críticas, para lá convergindo populações centrais e orientais com objetivo idêntico — a ocupação dessa **zona geoestratégica de passagem danúbio-balcânica**. Conseqüentemente, pode-se afirmar que o Danúbio é o principal rio da Hungria, vindo da Áustria com destino à Iugoslávia.

A região foi alvo de cobiça de eslavos, búlgaros, ávaros e, finalmente, magiares, guerreiros temíveis provenientes das estepes russas (século IX), também conhecidos como "on ogurs", significando povo das dez flechas, cuja corruptela daria origem a palavra húngaro.

No entanto, o Estado húngaro propriamente dito só nasceria com a adoção do Cristianismo, no momento em que Estêvão (997-1038) recebia no ano 1000, a coroa real das mãos do Papa Silvestre II, no dia de Natal. Com a garantia cristã estava consolidada a independência dos magiares e constituído o Estado medieval Húngaro. Mas, no momento em que a Europa Central começava a se firmar, através de consciências nacionais, iniciava-se o conflito entre católicos e protestantes. A Guerra dos Trinta Anos deixaria a região não só devastada como enfraquecida e, sobretudo, presa fácil para os turcos otomanos que expandiam o islamismo. Com a luta, pois, entre cristãos, facilitada a invasão turca nos Bálcans, os magiares são derrotados na **Batalha de Mohacs (1526)**.

O Estado húngaro ficaria então dividido em três regiões distintas: a parte central sob domínio mulçumano; o setor leste

(Transilvânia) com regentes locais protestantes, que nunca se furtaram em auxiliar os turcos contra os católicos; e a faixa ocidental — a chamada Hungria-Real, dominada pelos Habsburgos católicos. Esse último núcleo daria origem a uma Hungria governada por Viena, dependente da Áustria, e que só nos lares podia perpetuar a cultura magiar, já que o alemão passava a ser a língua dominante. É esta, pois a **origem do Império Austro-Húngaro** que, a partir do século XVII, estava formado e sacramentado.

O Império Austro-Húngaro fez parte da Confederação Germânica até a dissolução desta, em 1866, quando a Prússia, pensando na unificação do Santo Império Romano Germânico em seu proveito, afastava do grupo o governo de Viena, após a **Batalha de Sadowa**. No ano de 1867, impunha-se nova dinâmica geopolítica, através do dualismo austro-húngaro — os dois países, embora independentes, mantinham a diplomacia, finanças e exército comuns.

Com a derrota da Áustria, na Primeira Guerra Mundial, a 16 de novembro de 1918 era proclamada a república na Hungria. E, como a separação fora obra do comunismo instalado na Rússia, o país seria convulsionado por lutas entre vermelhos e brancos, estes últimos, não comunistas. O dualismo político levaria a Hungria, na esperança de reaver 2/3 de seus territórios que perdera pelo Tratado de Trianon (1920), a aliar-se aos regimes totalitários de Mussoline e Hitler.

A derrocada do Eixo incluiria a Hungria, gradativamente, na "Cortina de Ferro" (1949), quando, exterminados os chamados "Partidos Burgueses", as eleições se realizaram com chapa única. Em seguida, para pôr fim aos denominados

totalitaristas, ocidentalistas e titoistas, era criada a AVH, polícia repressiva contra a qual, em 1956, os húngaros se rebelaram. O movimento é sufocado com a invasão do país pelas tropas russas.¹¹ A AVH é substituída por outra organização bem mais poderosa a BKH e a coletivização é implantada.

O alinhamento incondicional com a URSS foi substituído, em 1990, via independência e subsequente acordo com Moscou, para a retirada gradual dos soldados soviéticos estacionados em território húngaro. Mas foi, no entanto, a decisão de desmantelar a cerca eletrificada e os alarmes eletrônicos, que isolavam as fronteiras entre a Hungria e a neutra Áustria, que acabaria colaborando com o êxodo dos alemães orientais para a parte ocidental e a subsequente **reunificação da Alemanha**.

Aos alemães que ainda se abrigam na Hungria, juntam-se refugiados croatas, ao lado de minorias sérvias, eslovenas, eslovacas e rumenas. Ao lado dessa diversidade étnica o governo de Budapeste tem problemas com países vizinhos, dentre esses, com a recente República da Eslováquia, por causa da barragem Gabčíkovo-Nagymaros, no Danúbio, que, segundo a Hungria, concorre para pôr em risco o equilíbrio ecológico. Por outro lado, há o "punctum dolens" com a Rumênia, já que, na Transilvânia, a ela integrada, vivem cerca de 2 milhões de húngaros que se consideram marginalizados.

Já na Península Balcânica, no sudoeste da Europa, a **Rumânia** (237.500 km²), com área pouco maior que a do nosso Estado de Roraima, constitui uma nação insatisfeita geopoliticamente, por haver perdido, na Segunda Guerra Mundial, a Bessarábia para a Rússia, além da Moldávia e parte da Dobrudja para a Bulgária. Conseguiu, no entanto, manter a **embocadura do Danúbio**, delta com 2.500 km² de três braços principais: o Chilia, o Sulina e o Sfintul Georghe.¹²

Danúbio, em português, deriva do latim "Danuvius", topônimo que os romanos lhe deram. Curiosamente, nenhum dos oito países que se distribuem ao longo desse rio que nasce na Alemanha, guardou esse nome. Os tchecos chamam-no Dunaj, na Hungria é Dona, é Dunai na Jugoslávia, na Bulgária e Rússia recebe o nome de Dunau, enquanto a Rumânia o registra como Donarea. Nasce entre penhascos e montanhas, banha a capital de vários países: Viena, Bratislava, Budapeste e Belgrado. Na altura de Budapeste (esta cidade banhada pelo Dambovita) está a 15 metros de altitude e a 300 km do Mar Negro. Nas montanhas dos Bálcans é aprisionado numa garganta, "Portas de Ferro", chegando tranqüilo à monótona região estepária da Rumânia, país danubiano submetido, geopoliticamente, às alternativas militares em seu vale inferior.¹³

Segundo rio em extensão da Europa, depois do Volga, o **Danúbio, um dos pomos**

11. Antes da Segunda Guerra Mundial a URSS não possuía fronteira com a Hungria, para tal, terminado o conflito conseguiu anexar a Rutênia, retirada da Tchecoslováquia, graças a esse território conseguiu sufocar com rapidez a rebelião Húngara de 1956.

12. *L'Importance Economic du Danube - Caractéristiques du Fleuve dans le Secteur Roumain* - Trajan Coitzesco - Librairie Generale de Droit et Jurisprudence - Paris, 1942.

13. *Histoire des Peuples Balkaniques* — René Ristelhueber - Librairie Arthème Fayard - Paris, 1950.

de discórdia nos Bálcans, foi, no seu vale inferior, colonizado pelos gregos (século VI a.C.) e incorporado ao Império Romano (101 d.C.). A romanização da Dobrudja, Moldávia e Valáquia, planícies que facilitam contactos, foi bem mais fácil, e, mesmo após a invasão eslava, manteve a cultura latina. Em contrapartida, a cadeia montanhosa Carpática separou as áreas planas da planaltina Transilvânia, onde os magiáres e saxões não foram envolvidos pelo latinismo. Em consequência, o passado remoto se reflete no presente das duas Rumânias¹⁴ — a externa, bem mais latina, e a interna, transformada num mosaico étnico.

O avanço turco englobaria os Bálcans, e seria justamente essa área que tornaria débil o Império Otomano, pois suas populações cristãs — gregos, sérvios, búlgaros, albaneses e rumenos, submetidas desde o século XV, continuaram mantendo sua religião, línguas e tradições.

Partiria da unitária planície rumena o movimento de rebeldia contra a ocupação turca. Eram a Moldávia e a Valáquia, unicultural, que se uniam num Estado, a Rumânia (1859). Seus habitantes guardavam o nome "rhumaioi", bem como o topônimo original, "Rhumania" que dos gregos passara para o Império Romano. Caberia aos eslavos quebrar essa unidade étnica nos Bálcans, antes dos muçulmanos, eslavizando as províncias romanizadas no sul e o este do Danúbio. Porém, como elemento que isola, os Carpatos e florestas concorreram para a continuidade do **povo rumeno em ilha de latinidade no meio**

eslavo.¹⁵

A Rumânia que, pelo posicionamento esteve sempre na mira da URSS, transformou-se, após a Segunda Guerra Mundial, em unidade integrante da "Cortina de Ferro", embora desde 1965 haja demonstrado sua política nacionalista. Por isso reconheceu a Alemanha Ocidental, pronunciou-se contra o isolacionismo econômico do COMECON, criticou a invasão da Tchecoslováquia em 1968 por tropas russas e condenou, em 1972, o marxismo-leninismo como "princípio demasiadamente vago", por não permitir uma convivência sem subserviência através da política exterior independente. Curiosamente, a Rumânia foi o último bastião comunista a ser derrubado no leste europeu. O regime fortemente autoritário de Ceausescu começou a ser contestado em dezembro de 1989 e o estopim seria a prisão de um pastor de origem húngara, que protestava contra a discriminação feita à minoria de irmãos, seus nacionais, na cidade de Timisoara.

Contrastando com a Rumânia, a Bulgária¹⁶ (110.842 km²), menor que o Estado do Amapá, foi sempre o **país de maior fidelidade à URSS**. Isso desde a intervenção russa no Império Otomano (1774), colocando-se como protetora dos ortodoxos búlgaros. Era, na realidade, uma política de longo alcance por parte de Moscou, já visando à obtenção dos Estreitos de Dardanelos e Bósforo. Assim, trataram os russos de incentivar a tomada de consciência nacional

14. *Os Rumenos, Latinos do Oriente* - Mircea Eliade - Livraria Clássica Editora - Lisboa, 1943; *La Roumanie Contemporaine* - André Bellesort - Librairie Académique Didier - Paris, 1905

15. Linguisticamente a Rumânia está mais próxima do baixo latim que a própria Itália. Do *Dicionário Português-Rumeno*, de William Agel de Melo, Editora do Oriente — Goiânia, 1979, colhemos ao acaso alguns termos: acadêmico = academician; brutal = brutal; salvamento = salvare; tapete = tapet; usual = usual.

16. *L'Histoire de l'Europe Centrale* - J. Aulneau - Payot - Paris, 1930

búlgara e, pelo Tratado de San Stefano (1878), conseguiram a autonomia do Estado Búlgaro englobando parte da Grécia, para atingir o Egeu, mar formado pelo Mediterrâneo.

Para conter o expansionismo russo, as potências europeias se reúnem no mesmo ano no Congresso de Berlim, retirando o acesso da Bulgária ao Egeu. Essa saída marítima iria, a partir de então, passar por avanços e recuos, e foi sem o Egeu que, em 1845, a Bulgária entrava para a esfera de influência soviética, como **peça fundamental da estratégia do Kremlin no sudeste europeu** — valor fundamentado no fato de a URSS sentir-se insegura na Iugoslávia e não contar com a Grécia e Turquia integradas ao Bloco Ocidental da OTAN.

Em 1989, esse país tão identificado com a URSS, passa a exigir o pluripartidarismo político, e os analistas viram grande influência de Gorbachev entre os opositoristas ao governo forte. Para corroborar, basta dizer que a dita oposição se reunia na Ecoglasnost ou no Clube para o desenvolvimento da Glasnost e da Perestroika.

Como a maioria dos países do Leste Europeu, a instabilidade étnica se atém ao fato de coexistirem no território minorias armênicas, gregas e turcas. A antiga rivalidade com o governo de Atenas levou o governo de Sófia, a despeito da vizinhança com a Sérvia, a reconhecer a recém-criada República da Macedônia, retirada da federação iugoslava. No entanto, a 27 de junho de 1992, de acordo com o posicionamento grego, com interesses na Macedônia, o Con-

-selho Europeu, realizado em Lisboa, levou a CEE a vincular o reconhecimento desta república à mudança de nome.

Contrastando com o alinhamento automático da Bulgária para com a URSS, a Iugoslávia seria o primeiro país a ter o mais convincente partido eurocomunista.¹⁷ Daí haver sido o primeiro país a romper oficialmente com Moscou (1948) e, como autêntico enigma geopolítico, se manteve comunista, afastado da "Cortina de Ferro", escapando da asfixia imposta à Hungria, Tchecoslováquia e Polônia. Escapou à própria "Doutrina Berjnev" só anunciada oficialmente em 1968, afirmando ser direito do Kremlin intervir em qualquer área, onde a causa do comunismo enfrentasse a ameaça de uma derrocada política. Assim, no "Cinturão do Diabo", denominação que Haushofer dava à área da "Cortina de Ferro", a Iugoslávia¹⁸ se manteve como o **"ventre macio" da Europa**; representou, pois, dentro do enfoque geoestratégico, o papel de Estado-tampão de um lado e **região de topo, ou amortecedora**, do outro, entre a OTAN e o Pacto de Varsóvia.

Livre das tenazes russas, o que sempre iria preocupar o governo comunista da Iugoslávia, seria a **vulnerabilidade marcada por sua artificial formação geopolítica**. Apresentava, no caso, muita semelhança com a URSS, no contexto de nacionalismos de etnias variadas no interior de suas fronteiras políticas.

País que jamais foi nação, a Iugoslávia surgiu como entidade geopolítica, durante a

17. Em março de 1975 eram grandes as divergências entre os delegados estrangeiros reunidos no XIVº Congresso do Partido Comunista Italiano. Daí haver sido criada a expressão polêmica - eurocomunismo, dentro do conceito ideológico - geográfico (comunismo europeu), pelo iugoslavo Frane Barbieri.

18. *Histoire de la Yougoslavie* — Marcel de Vos — Presses Universitaires de France - Paris, 1955; *La Formation de la Yougoslavie (XV^{ème} - XX^{ème} siècles)* — Émile Haumont — Éditions Bossard - Paris, 1930.

Primeira Guerra Mundial, como conglomerado administrativo, sem laços de solidariedade e marcada por antagonismos históricos. Mero expediente da História. **A Iugoslávia surgiu para premiar a Sérvia,**¹⁹ líder do movimento de unificação pan-eslavo, e dar destino à Eslovênia, Bósnia-Herzegovina, desmembradas do Império Austro-Húngaro.

Dentro do contexto geopolítico, esse país voltado para o Adriático se envolve numa área que, através dos séculos, vem sendo palco de lutas entre o Oriente e o Ocidente. Passaram por aí legiões romanas, o conquistador Alexandre da Macedônia, os Cruzados, ficando bastante tensa a situação quando começam a aparecer os finos minaretes das mesquitas instaladas pelos turcos otomanos — tudo vindo a confirmar o expediente histórico de uma Iugoslávia (255.804 km²), pouco maior que o nosso Estado de São Paulo, formada por seis repúblicas e duas províncias, reunindo multiplicidade de etnias assim distribuídas:

Diante do quadro abaixo seria inevitável que a “Primavera de Praga correspondesse

ao “Inverno de Belgrado”, e que o “Divórcio de Veludo” da Tchecoslováquia equivalesse ao “Desquite Litigioso” que o ano de 1994 vem assistindo na Iugoslávia. (Mapa 4).

O desmoronamento do Império Soviético permitiria a liberalização de ajustes de contas nacionais no “crescente muçulmano de turbulências” que se estende nos Bálcans, atinge a África do Norte e chega a Caucásia. No caso específico da Iugoslávia, contrasta com a Comunidade Européia e reunificação da Alemanha. Os 70 anos de federação começou a se desfazer em 25 de junho de 1991, com a **independência unilateral da Croácia e Eslovênia**, as duas repúblicas mais desenvolvidas, demonstrando que, ao lado das divergências étnicas, se alinha também o fator econômico como elemento de peso, influenciando na vontade de separar-se de um regime de esquerda já ultrapassado. O reconhecimento prévio por parte da Alemanha e a presença de políticos austriacos nos festejos de independência da Eslovênia, precipitariam a questão com o

REPÚBLICAS	NACIONALIDADES
Croácia	croatas (79%) — sérvios (12%)
Eslovênia	eslovenos (90,5%)
Bósnia-Herzegovina	muçulmanos (43%) — sérvios (31,3%) — croatas (17,3%)
Macedônia	macedônios (64,6%) — albaneses (21%)
Sérvia	sérvios (66,4%) — albaneses (19,6%)
Montenegro	montenegrinos (61,5%) — muçulmanos (17,4%)
PROVÍNCIAS	
Kosovo	albaneses (90%)
Voivodina	magiáres (21,7%)

Fonte: “O mundo de Hoje/ 1993” — Anuário Econômico e Geopolítico Mundial

19. La Yougoslavie - La France et les Serbes - Pierre de Lanux - Librairie Payot - Paris, 1916.

governo sérvio instalado em Belgrado.

Alie-se tudo, também, à importância do **posicionamento geopolítico e geoestratégico das duas Repúblicas separatistas**; por levar a Europa Oriental para o Ocidente, pela porta Liubliana, capital da Eslovênia, e, no caso da Croácia, pelos portos do Adriático, a entrada do Mediterrâneo na pinça Ístria-Dalmácia, que envolve a interiorizada Bósnia-Herzegovina, (Mapa 4). Por outro lado, acentue-se o fato de o caminho mais curto da Áustria e da Hungria para o mar passar, respectivamente, pela Eslovênia e a Croácia.

Desse reduto católico e de alfabeto romano, a onda nacionalista iria atingir a **Bósnia-Herzegovina**, onde muçulmanos ou eslavos islamizados durante a ocupação otomana representam 43% da população. Incluindo-se a separação da **Macedônia** e o perigo que correm o **Kosovo e Voivodina**,²⁰ neste conflito secessionista de caráter centrifugista, a Iugoslávia fica restrita ao território que vai do Danúbio ao Adriático, constituído pela **Sérvia e Montenegro**, os ortodoxos orientais de alfabeto cirílico.

Grécia, Turquia Européia, Rumânia, Bulgária, Iugoslávia e Albânia²¹ são países balcânicos. Muito embora, dentro do aspecto geográfico a Península Balcânica tenha limites mais reduzidos, já que a Rumânia e a Iugoslávia se incluem entre os estados danubianos.

No Mediterrâneo Oriental, a Península dos Balcãs se constitui numa **ponte para a Ásia, escalonada por numerosas ilhas que**

povoam o Egeu. "Rota das Cicladas e, ainda mais, a rota dos Estreitos converteram o Mar Egeu num "mare nostrum" do Helenismo. Estabelecido isso como princípio, foi logo aplicado reiteradamente pelos bizantinos e turcos".²²

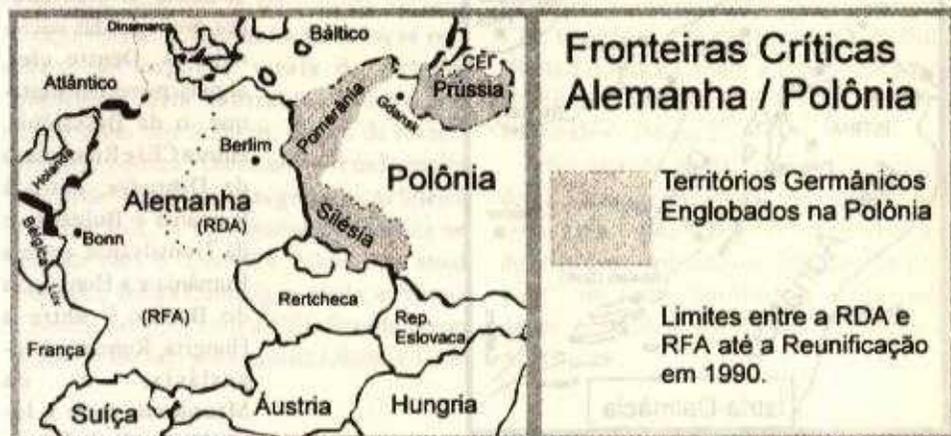
No norte, entre os Mares Adriático e Negro, a península é larga e contínua, separando-se do continente europeu pelos cursos dos Rios Sava e Danúbio; para o sul se estreita e, na Grécia, se torna digitada.

Aberta a toda classe de pressões e influências, os Balcãs tornaram-se, por muito tempo, zona de constantes incursões, transformando-se em **palco de continuadas lutas, notadamente entre cristãos e muçulmanos**. Dentre os povos que aí se estabeleceram, seis têm destaque: os gregos descendentes dos antigos, porém bastante misturados; os valacos; os rumenos; os sérvios autênticos, eslavos aí chegados no século VI; os búlgaros, de origem mongólica porém fortemente eslavizados; os turcos, no século XV, e os albaneses, descendentes dos ilírios. Aos poucos esses povos foram se acomodando em suas fronteiras políticas, mas, segundo o teórico inglês Fred Singleton, os países aí formados se constituem de um "grupo de pessoas unidas por um erro comum nas suas origens e pelo desgosto também comum, de serem vizinhos". Eis, pois, a justificativa para que a "**Cortina de Ferro**" viesse, ainda em nosso século XX, a se transformar numa autêntica "**Cortina Rasgada**".

20. Devemos levar em conta que a Hungria não se encontra desatenta ao prologamento de sua planície, e dos magiares na contígua Voivodina cotólica; já o Kosovo se envolve com o problema da maioria albanesa, população que considera esse território como o próprio núcleo geohistórico da Albânia; e ainda dentro dos mesmos propósitos centripetistas, a Macedônia não é indiferente à Grécia.

21. Chave no Adriático e porta para o Oriente, a Albânia integrou, como a Iugoslávia, por pouco tempo, a "Cortina de Ferro", rompendo em 1961 com o Kremlin.

22. *Tratado General de Geopolítica* — Dr. J. Vicens Vives — Editorial Teide — Barcelona, 1950.



Mapa 3

O esfacelamento político da Europa no período de entre-guerras levaria a Escola Geopolítica Alemã de Munique e Heidelberg, dirigida por Haushofer, a suscitar as ambições expansionistas do III Reich. Criaria assim, um período de **"petrificação de fronteiras"**, concentrando canhões e obras de engenharia geoestratégicas (Linha Maginot, Wesvall, Linha Stalin) que formando muros, foram criando compartimentos estanques — ideológicos, políticos e econômicos — que dividiram o continente europeu.

Posteriormente, a "Cortina de Ferro" dividiria a Europa em duas: a do Ocidente e a do Oriente — a capitalista e a comunista. Em nossos dias, desacoplada do Kremlin, transformada no Leste Europeu, a Europa Oriental marcava o triunfo da "Teoria do Dominó" de

Kissinger. Só que este não previu para que lado vão desabar as pedras do jogo. Jogo que põe frente a frente uma Europa procurando se integrar numa Comunidade Econômica e outra se desintegrando ao assumir formas típicas de um "capitalismo pobre".

O fato é que, a partir de 1988 a "Teoria do Dominó" implantaria, em confronto geopolítico e geoeconômico, a "Europa das Duas Velocidades".

Mesmo em se tratando de **reunificação da Alemanha** em 1990, também episódio do "Outono do Povo", no momento em que se punha abaixo o "Muro de Berlim", surgia uma autêntica "trincheira" entre os setores Oriental e Ocidental. A vivência dos orientais ao choque do capitalismo puro, não conseguiu mascarar o quase meio século que traçara as diferenças históricas em



Mapa 4



tensão internos ou fronteiriços, cuidadosamente alimentados por propagandas nacionalistas. Dentre eles, alguns merecem destaque: o da Bessarábia, entre a CEI e Rumânia; o da Dibrudja, entre a Rumânia e Bulgária; o da Transilvânia, entre a Rumânia e a Hungria; a do Banato,²³ entre a Hungria, Rumânia e Iugoslávia; e da Macedônia, entre a Iugoslávia, Bulgária e Grécia, incluindo-se no "rastilho de pólvora" a Istria-Dalmácia, pertencente à Iugoslávia que se esfacela, porém benvinda à Itália. (Mapa 4).

Conclui-se verificando que a Comunidade Europeia, procurando se unir economicamente, já com

relação aos ocidentais. A identidade precária dos orientais, que antes protestavam contra o regime comunista através do slogan "nós somos o povo", se dirigia depois contra o governo da Alemanha reunida dentro da variante "nós somos um povo".

A "Cortina Rasgada" surgida dos escombros da "Cortina de Ferro", mantém-se caracterizada por multiplicidade de focos de

pretensões políticas via Tratado de Maastricht, embora enfrentando também problemas separatistas, tenta abrir suas portas na categoria de membros associados, para o Leste Europeu, onde autênticas incógnitas geopolíticas se escondem na faixa da "Cortina Rasgada". Conseqüentemente, torna-se prematuro, em se falando de uma Comunidade, já extrapolar para uma "Casa

23. Região da Europa Central na Bacia Pantônica, obtida pelos Habsburgos em 1718 e repovoada por Alemães. Em 1919 foi partilhada entre a Hungria, Rumânia e Iugoslávia, recebendo esses dois últimos países a maior parte - O Banato Iugoslavo é planície rica em loess, o rumeno é planície fértil na Bacia média do Timis. Pertencendo aos Carpatos as montanhas do Banato.

"Cortina Rasgada" que o governo de Berlim procura atrair para a Comunidade Européia, mas que, a semelhança de seus componentes, a **Alemanha também se resente de espaços vitais de origem germânica dela subtraídos.** (Mapa 3). Estes, além dos Sudetos, dentro da recém-criada República Tcheca, envolve na fronteira crítica de Oder-Neisse, as germânicas Silésia e Pomerânia. A conflituosa diplomacia se estende para o "Corredor Polonês", a atual Gdansk é antiga Dantzig, e, ainda, a Prússia Oriental dividida com a CEI, ficando como apêndice isolado por causa da Lituânia. Com

a retirada da Lituânia, Letônia e Estônia da isóbara política que protegia a URSS, resta, na área de fronteiras críticas, ainda dentro da CEI, territórios que pertenceram a Polônia (Brest-Litovsk e Lyow), a Tchecoslováquia (Rutênia) e a Rumânia (Bukovina e Bessarábia). (Mapa 2).

No aspecto global, observado o mapa desta "área expediente" que chegou aos nossos dias, nota-se logo o intrincado foco de fronteiras críticas, um "rastilho de pólvora", no Leste Europeu se estendendo desde o Báltico até os Mares Negro e Adriático.



TEREZINHA DE CASTRO - Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional da Universidade do Brasil (Atual UFRJ). Conferencista de Geopolítica na ECEMAR. Professora do Colégio Pedro II. Entre suas obras destacam-se: *Rumo à Antártica; Atlas-Texto de Geopolítica do Brasil; Geopolítica: Princípios, Meios e Fins* e outras. Atualmente é membro do corpo permanente da Escola Superior de Guerra.